

LÉVINAS, HOJE *

Vai já adiantado este ciclo de conferências promovidas pelo Senhor Presidente da República, este ano dedicadas à experiência que o homem tem de si mesmo e do mundo, num momento crucial da sua história, no dealbar de um novo milénio. É isto para que o sentido das nossas vidas, protagonistas de uma socialidade encarregada da construção do futuro em liberdade e em paz, se visse reavivado, porventura mais esclarecido.

* Palavras de apresentação da conferência de E. Lévinas, incluída no ciclo de conferências promovidas pela Presidência da República [Reitoria da Universidade do Porto, 25.06/1990].

Não foi tarefa fácil sintetizar um pensamento tão complexo como o do filósofo E. Lévinas, numa apresentação de quinze minutos. Não foi fácil traçar os seus rasgos essenciais, a sua intrincada evolução. Não foi fácil dizer, ainda que a jeito de simples alusão, como, do entrosamento da tradição filosófico-ocidental (mais proximamente da que radica na fenomenologia husserliana e posthusserliana) e da tradição religiosa de perfil judaico-rabínico, irrompe um pensamento deveras original, revolucionador das categorias e conceitos do filosofar posthegeliano. Não foi fácil, enfim, dizer o «dizer» levinasiano, simultaneamente teórico e prático, enunciado prescritivo, significação ética na sua auroreidade. Dizer que «acaba» com o «primado da ontologia», tal como se entendia até então; *dizer* que revê o *dito*, e, conseqüentemente, quer a própria noção de «primado», quer a de «ontologia». Por iso, a ética como filosofia primeira não é um dizer sinónimo de simples contemplar, mas apelo do Outro que exige resposta, em termos de atitude e compromisso. Como se vê, o fundamento não se entende à maneira da clássica organização dos saberes (no âmbito, por exemplo, de uma arquitectónica de raiz aristotélica), nem a ética é já tida como uma simples construção teórico-sistemática. A filosofia primeira como ética remete à noção de Justiça como *começo da significação*, num imbrincamento inextrincável teoria-práxis.

Viu-se esta dificuldade acrescida pela circunstância de nos dirigirmos a um público diversificado, não estritamente filosófico. Impunha-se um discurso que,

Em tal contexto, a presença de um filósofo que devotou toda a sua vida à paciente dilucidação do sentido do humano, à procura do famoso *sentido da vida*, à consideração metafísica da socialidade; a presença de um filósofo que *não acredita que a filosofia pura possa ser pura sem ir à «questão social»*, impunha-se, sem dúvida.

Com muito gosto tentarei apresentar E. Lévinas, ciente de que da sua obra apenas focarei alguns aspectos fundamentais. Figura de primeira plana na cena intelectual mundial é, na contemporaneidade, o filósofo da ética. Philippe Nemo vai mesmo mais longe, afirmando-o «como o único moralista do pensamento contemporâneo». Ética não como uma especialidade, construção teórico-sistemática, ao lado de outros saberes cientificamente montados.

Para Lévinas, a ética é atitude — suposta ou pressuposta na abertura do homem ao outro, numa relação frente a frente, irrecusável e primeira, em cujo sentido se fundam todas as realizações da humanidade.

A questão da justiça, intrinsecamente conotada com o sentido do humano, é — segundo afirma — *a questão primeira pela qual o ser se dilacera e o humano se instaura como diversamente de ser e transcendência relativamente ao mundo. Questão primeira, sem a qual qualquer outra interrogação do pensamento seria apenas vaidade e corrida atrás do vento.*

sem ser «técnico» (evitando a terminologia hermética levinasiana, apenas acessível aos conhecedores da sua obra), fosse, no entanto, fiel à mensagem do filósofo lituano.

Por todas estas razões, e a fim de nos facilitar tal tarefa, decidimos seguir de perto, para cumprir o objectivo a que nos propusemos, as conversas de E. Lévinas com Philippe Nemo, realizadas entre Fevereiro e Março de 1981. Como o Autor afirma, elas «constituem uma apresentação sucinta da filosofia» em questão, e «acompanham o desenvolvimento do [seu] pensamento... desde os anos de formação até aos mais recentes artigos dedicados ao problema de Deus...» (E. LÉVINAS, *Ética e Infinito*, Lisboa, Edições 70, 1988, pág. 9).

Ao longo do nosso texto de apresentação, encontrará o leitor referências a alguns dos conteúdos desta obra que, por sua vez, sintetiza e repete conteúdos de outras, designadamente: *Totalité et Infini*, *De l'existence à l'existant*, *Autrement qu'être ou au delà de l'essence*. Dado o teor e a circunstância do presente discurso, dispensamo-nos, para a publicação, de elaborar notas referentes a citações explícitas: limitamo-nos a sublinhar tudo quanto se prende com afirmações do filósofo nestas conversas, bem como as referentes a conteúdos de outras obras, designadamente *Totalité et Infini*.

Mas quem é este filósofo devotado à transcendência do humano, empenhado na reposição da alteridade, não de um *alter ego* mas de um *alius*, de um sentido ético subversivo das clássicas categorias do conhecer e do ser? Quem é este filósofo que propõe a ruptura da noção de Totalidade, carregada de tradição, instaurando na sua vez a fundamentalidade do Infinito? A inversão da intencionalidade da consciência em desejo? A substituição do predomínio de uma *ontologia do Mesmo e do Uno* — *ontologia do Neutro* — por uma *ética da in-sintetizável relação eu-outro*, repositora do sujeito único e insubstituível, definido, na a partir de si, de uma intencionalidade por projecção, mas a partir do mandato do Outro que lhe fala e o interpela, que o responsabiliza?

Este filósofo é oriundo da Lituânia, onde nasce em 1906. Judeu de tradição rabinica, estuda na Rússia até aos 18 anos. Entusiasma-se pelas *literaturas nacionais*; *Puchkine*, *Lermontov*, *Gogol*, *Turguêniev*, *Dostoiewsky*, *Tolstoi*, preparam-no — como afirma —, *juntamente com os grandes escritores da Europa Ocidental, principalmente Shakespeare*, para a mensagem dos filósofos que estudará na licenciatura em filosofia, feita em Estrasburgo (entre 1923 e 1929). Em 1930, naturaliza-se francês e assiste, em Friburgo, aos cursos de Husserl e Heidegger. Àquele dedica a sua primeira obra, a *Teoria da Intuição na Fenomenologia de Husserl*, muito inspirada — diz-nos — nas leituras de *Sein und Zeit* de Heidegger, única obra do filósofo alemão que realmente o entusiasma e que exerce certa influência, quer na noção lévinasiana de existência, quer na de alteridade, entendida, numa primeira etapa do seu pensamento, como tempo. A saída da ontologia e a entrada na ética inspira-se de alguma maneira na rejeição heideggeriana da identificação do ser com o ser-objecto, bem como na *Befindlichkeit* como sucedâneo da auto-consciência.

A grande lição da fenomenologia — observa — está em ter mostrado a necessidade de *se ascender, desde a objectividade, a todo o horizonte de pensamentos, e das intenções que a visam, e que ela* — objectividade — *ofusca e faz esquecer*. É sobretudo o sentido das intenções não plasmáveis em apresentações — designadamente as ligadas ao tema da constituição intersubjectiva — que nos cursos de Husserl lhe interessará de sobremaneira. A fenomenologia husserliana tornou possível a passagem da ética para a exterioridade metafísica.

A partir de 1930, enceta-se a sua carreira docente: primeiro, na Escola Normal Israelita Oriental, de que foi director; depois, nas universidades de Poitiers, Paris-Nanterre e, finalmente, a partir de 1973, na Sorbonne, onde actualmente é professor honorário.

Da sua vastíssima obra, destacarei: *De l'existence à l'existant*, *Le Temps et l'Autre*, *Totalité et Infini*, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, *Transcendance et intélégibilité*. As três últimas obras mencionadas condensam o nuclear da mensagem do filósofo. A tese central de *Totalidade e Infinito* — a ética como filosofia primeira — induz Lévinas à crítica frontal da Totalidade, típica da filosofia ocidental no seu culto do Mesmo e do Neutro, do pensamento absoluto e globalizador, e ao realce da *relação, do frente a frente humano*, fonte de todo o sentido. Totalidade engendradora de totalitarismos que o filósofo padeceu na sua própria carne, sobretudo durante a *Ocupação, assistindo à morte de mártir de alguns mestres como Halbwachs*.

Foi — como diz — *na filosofia de Rosensweig (que é essencialmente uma discussão de Hegel) que encontrei pela primeira vez uma crítica radical da Totalidade, e a abertura de um caminho completamente diferente na pesquisa do significativo*.

Transcendência do Infinito *versus* imanência da Totalidade. Se — como afirma — o pensamento filosófico repousa sobre experiências pré-filosóficas, poderemos dizer que a primeira evocação da transcendência lhe vem das *recordações infantis da leitura do Livro*. Depois, no início do seu filosofar, na obra *De l'existence à l'existant*, a transcendência é a existência como *il-y-a estranho; exterioridade impessoal de horror e desvario*, palpável em certas experiências-limite, como a do *silêncio sussurrante que a criança sente*, deitada na sua cama, enquanto a noite dura; ou a experiência da *insónia*, em que esse *il-y-a* em nós, nos impede de dormir; impersonalidade que absorve a minha consciência. *Na insónia, eu não velo: isto vela em mim*.

Em *Le Temps et l'Autre*, a transcendência é tempo e cobra progressivamente personalidade, até se chamar rosto em *Totalité et Infini*. *A impersonalidade do il-y-a absorve a minha consciência*. Esta impersonalidade, esta coisa horrível, descreve-a como *horror e desvario* na obra de *l'Existence à l'existant*.

Para abrir o homem ao outro, Lévinas terá de salvar a existência do ambiente existencialista, do desespero, da solidão, da angústia. O *nada* da morte heideggeriana transformar-se-á em

ausência de um invisível esperançadamente desejado, naquele ser de fuga que constitui a amabilidade do outro. *Ama-se o que se não possui. Por isso, o desejo metafísico tende para uma coisa absolutamente diversa, para o absolutamente outro que não aspira ao retorno sobre si.*

Pelo conhecimento, também o eu jamais sairia de si e a categoria da alteridade não se instauraria. Para Lévinas, o conhecimento é uma relação com aquilo que se iguala e engloba, com o que está à minha medida e à minha escala. Porque o *conhecimento é uma assimilação*, e no compreender há um *prender* ou um agarrar que impossibilita uma *saída real de si*. Esta, a lição da história da filosofia ocidental, do domínio de uma egologia solipsística.

Só uma *socialidade que não tenha a estrutura do conhecimento* permitirá a transcendência. O tempo, como relação com a alteridade inatingível, abre a dimensão do outro. E é justamente na obra *Le Temps et l'Autre* — como referi — que Lévinas ensaia a insintetizável e irreversível relação eu-outro, sob a forma de *relação erótica e de relação de paternidade*.

No eros — afirma —, *exalta-se entre os seres uma alteridade que não se reduz à diferença lógica ou numérica. Nada nesta relação reduz a alteridade que nela se exalta, e a diferença de sexos não é a dualidade de dois termos complementares que se supusessem pertença de um Uno preexistente, de um Uno englobante. O patético do amor consiste numa dualidade insuperável dos seres. Relação com aquilo que se esquiva para sempre, o outro não é aqui um objecto que se torna nosso ou que se transforma em nós; pelo contrário, retira-se para o seu mistério. E o feminino, na existência, é um acontecimento diferente do da transcendência espacial ou da expressão que se dirige para a luz. O feminino é uma fuga diante da luz, e a sua maneira de ser consiste em esconder-se. Não deve entender-se o feminino apenas como um género da natureza humana, dividida em dois. Pelo contrário, a participação, quer no masculino quer no feminino, é própria de todo o indivíduo. É a intimidade de cada um, a alteridade sob a forma de pudor.*

A segunda figura de relação com outrem que não é uma relação de conhecimento e realiza a saída fora do ser, implicando a dimensão do tempo, é a *filialidade*; *ainda mais misteriosa, é uma relação com um radicalmente outro, que, apesar de tudo, continua a ser de alguma maneira eu. O eu do pai — ou do mestre (de quem*

se é *filho espiritual*) tem de haver-se com uma alteridade que é sua, sem ser *possessão ou propriedade*.

Mas é na descrição do outro como rosto, levada a cabo em *Totalité et Infini*, que o sentido da ética lévinasiana logra a exploração mais esplendorosa. O outro é *significação sem contexto*, e nunca fruto de uma percepção que o defina como personagem contextualizada (filho de fulano, professor da Sorbonne, etc., etc.). Esta visão objectualizadora seria, ainda assim, a procura de uma adequação que absorveria o seu ser.

O sentido primeiro do rosto é uma ordem: *tu não matarás*. Claro que o homicídio é um *acontecimento banal*: mas isto deriva do facto da *exigência ética se não confundir com a necessidade ontológica*. Aliás, os relatos de guerra atestam *quão difícil é matar quem nos olha nos nossos próprios olhos*. O rosto do outro ordena — *tu não matarás* —, mas, apesar de tudo e ao mesmo tempo, *o rosto está nu; é o pobre por quem tudo posso e a quem tudo devo*. A sua ordem é uma súplica. E eu, sujeito em primeira pessoa, sou sujeição livre a outro, resposta ou *responsabilidade*. É na ética, entendida como *responsabilidade, que se dá o próprio nó do subjectivo*. É neste sentido ético que a socialidade se funda. Socialidade diferente de sociedade como *totalidade sintética*, na medida em que tem em conta as *intenções interiores, o segredo que para cada qual é a sua própria vida*. Só a partir deste segredo, o *pluralismo da sociedade é possível*. *Segredo não sinónimo de clausura, que isolaria algum domínio rigorosamente privado de uma interioridade fechada, mas segredo que consiste na responsabilidade por outrem, que no seu acontecimento ético é contínuo, ao qual jamais nos furtamos e que, por isso, é princípio de individuação absoluta*. O eu jamais deserta, é um *Eis-me aqui incondicional*, num testemunho perante o mundo e o outro, que vai ao extremo da substituição do outro assumindo-o na situação de *refém*. A esta *incondição* corresponde o *sentido bíblico de expiação*.

Exigente, a ética lévinasiana: porque, nela, a subjectividade não é um *status* ontico, ou um simples atributo, como se esta subjectividade já existisse em si mesma, antes da relação ética. O sujeito desfaz-se assim da sua simples condição passiva de ser; ele é primordialmente *desejo, acção des-inter-essada*. Ao escrever a palavra *des-inter-essada* entre hifens, Lévinas quer ressaltar a *saída do ser*, a excedência, um mais além do ser. É óbvio que esta noção tem resquícios substancialistas-positivistas como, por exemplo,

também as tem em Sartre. E é justamente a nadificação do ser operada pela fenomenologia existencial (Heidegger, Merleau-Ponty) que prepara a ética como filosofia primeira.

A política deve poder ser sempre controlada e criticada a partir da ética e desta socialidade que contempla o segredo da vida de cada qual. Lévinas tece duras críticas ao liberalismo extremo e aos totalitarismos relativizadores da liberdade, bem como a toda a organização socio-política instrumentalizadora do indivíduo, designadamente a subjacente na concepção do homem como *homini lupus*.

Não que Lévinas despreze a aspiração da razão à universalidade e a consequente organização universal da sociedade. O que sim procura é *deduzir da necessidade de um social-racional* exigências do inter-subjectivo, tal como ele o descreve.

O rosto inspira, enfim, o desejo do Infinito. Infinito a que Lévinas não teme chamar Deus. O desejo ético é a inversão da intencionalidade cognitiva. Esta — a intencionalidade — radica do eu, consciência como projecção intencional, e visa um preenchimento, a presença do objecto adequado. Aquele — o desejo — radica do outro como apelo ou testemunho, e não visa a satisfação de necessidades, *antes se alimenta das suas próprias fomes e aumenta com a satisfação. É tendência para o irredutivelmente outro.* O desejo não aspira a um *retorno sobre si* (à maneira hegeliana) *do sujeito*, porque sabe que *a verdadeira vida está ausente* e que é deste porvir que se alimentam todas as nossas expectativas. É o desejo que nos mantém de pé, verticais, activos. O Infinito não é, pois, uma Ideia teórica a saber ou a contemplar, é uma Ausência a desejar praxicamente.

Infinito não tematizável, mas, ainda assim, testemunhado por um discurso, numa palavra e num dizer de sabor muito peculiar em Lévinas.

Das agruras da filosofia e das consolações da Religião, fala-nos cada vez mais Lévinas nos seus últimos escritos. Insiste, no entanto, que a aproximação do Infinito é a mesma para todo o homem. *Se a consolação religiosa é assunto de família* — diz-nos —, *a exigência ética é sempre universal.* E se é certo que a religião não é idêntica à filosofia, também é certo que só é digno de tais consolações, uma humanidade que pode e sabe passar sem elas. Uma humanidade à altura do sentido da transcendência do humano, filosoficamente buscado.

É deste humano e desta transcendência que todos estarão certamente desejosos de ouvir falar o Professor Lévinas, numa conferência cujo título é precisamente «*A transcendência e o humano*».

Maria José Cantista